

Vento revolucionário atinge o Paraguai

*A enorme mobilização que impôs a vitória de Lugo nas eleições à presidência do Paraguai, abriu as portas para o vento revolucionário, que sopra na América Latina, invadir o país.
Ver mais pág. 9*



• **ABRIL VERMELHO**

MST intensifica ocupações Brasil afora

PÁGINA 2

• **O PÃO DE CADA DIA**

Saiba porque a comida está ficando tão cara

PÁGINA 3

• **PT E PSDB?**

Perigosa aproximação com os tucanos

PÁGINA 6

• **MOVIMENTO NEGRO**

10 de Maio: Reunião Nacional do MNS

PÁGINA 7

• **MÉXICO REBELDE**

Segue a luta revolucionária contra a privatização da PEMEX

PÁGINA 8

• **REPRESSÃO**

Trabalhadores presos na Argentina por defenderem seus postos de trabalho

PÁGINA 11

• **HOMENAGEM**

Arthur C. Clarke

PÁGINA 12

EDITORIAL

1º de Maio - dia de luta do trabalhador

Meu Maio

A todos
que saíram às ruas,
de corpo-máquina cansado,
a todos
que imploram feriado
às costas que a terra
extenua
Primeiro de Maio!
O primeiro dos maios:
saudai-o enquanto
harmonizamos voz em
canto.
Sou operário
este é meu maio!
Sou camponês
este é meu mês.
Sou ferro
eis o maio que eu quero!
Sou terra
O maio é minha era!

(Vladimir Maiakovski)

Em 1º de Maio de 1886, em Chicago (EUA), são marcadas

manifestações com a palavra de ordem: “8 horas de trabalho, 8 horas de descanso, 8 horas de educação”.

O choque com a repressão violenta é inevitável: 38 mortos, centenas de feridos e vários líderes presos. Depois de um julgamento absurdo (uma farsa), sob a acusação de terem assassinado um policial, 5 operários foram condenados à morte (Lingg suicida-se e Spies, Parsons, Fischer e Engel são enforcados), Neebe, Schwab e Fielden são condenados à prisão perpétua.

Antes de sua morte, August Spies disse: “Com o nosso enforcamento, vocês pensam em destruir o movimento operário. Aqui vocês apagam uma faísca, mas lá e acolá, atrás e na frente de vocês, em todas as partes, as chamas crescem e vocês não podem apagá-las.”

Enquanto isso a burguesia vociferava: “A prisão e os traba-

lhos forçados são a única solução adequada para a questão social.” (Chicago Times); “Esses brutos (os operários) só compreendem a força, uma força que possam recordar durante várias gerações...” (New York Tribune).

Em 14 de Julho de 1889 o Congresso Internacional dos Partidos Socialistas, realizado em Paris, proclama o 1º de Maio como a data internacional de luta dos trabalhadores.

No Brasil os primeiros movimentos relacionados ao 1º de Maio aconteceram em 1890. Mas a primeira grande manifestação do 1º de Maio ocorreu no Rio de Janeiro, em 1906, organizada pela Confederação Operária Brasileira (COB – primeira experiência de central sindical do país). Contrariando as tendências da época, a COB combatia veementemente aqueles que encaravam a data como feriado, como festa. As palavras de ordem eram: jornada

de 8 horas; melhores condições de trabalho; autonomia sindical.

De lá pra cá, os trabalhadores obtiveram muitas conquistas com sua luta: direitos como férias, 13º salário, jornada de 8 horas diárias, etc. Entretanto alguns direitos foram retirados, outros estão hoje ameaçados e outros estão ainda por serem conquistados. Em 2008, em pleno Governo Lula eleito pelos trabalhadores, o 1º de Maio está marcado pela luta pela redução de jornada de 44 horas semanais para 40 horas semanais. A CUT está realizando as plenárias estaduais e realizará a plenária nacional em Agosto. Nas assembleias dos sindicatos que elegerão os delegados o que deve estar no centro é a independência da Central Única dos Trabalhadores, o que passa pela exigência da CUT para que Lula rompa com o governo de coalizão nacional com a burguesia e atenda as reivindicações dos trabalhadores!

PAINEL

Salário Mínimo

X

Dívida Pública

No dia 16 de Abril, Lula encaminhou ao Congresso Nacional o projeto da LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias) que define o orçamento para o ano que vem. Nesse projeto, o Governo propõe que o salário mínimo que hoje está em R\$415,00 passe a R\$449,97. Como que o Lula, eleito pelos trabalhadores, pode fazer uma proposta dessas? Será que o Lula viveria com um salário desses? Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-econômicos) o salário mínimo deveria ser de R\$1.881,32 para garantir as condições mínimas de vida para o trabalhador.

O argumento do Governo é de que não há “espaço fiscal”. Oras, mas o que é isso? Isso significa que o Governo prioriza o pagamento dos juros da dívida pública em detrimento de investimentos para o salário! Assim se faz a vontade dos patrões e não a dos trabalhadores. Por isso dizemos: Lula, rompa as alianças com os partidos dos patrões e faça um governo verdadeiramente para os trabalhadores!

Os 2% mais ricos detêm metade da riqueza do mundo!

O Instituto Mundial para Pesquisa do Desenvolvimento Econômico da Universidade das Nações Unidas produziu um relatório que mostra que os 2% mais ricos do mundo detêm mais da metade de toda a riqueza do planeta. O mesmo relatório revela que a metade mais pobre da população mundial detém menos de 1% da riqueza global. Eles calcularam a riqueza pegando tudo o que as pessoas possuem subtraindo o que devem – suas dívidas. A análise revela enormes discrepâncias de riqueza entre diferentes países. Como já podíamos esperar, a riqueza está concentrada na América do Norte, Europa e em alguns países como Japão e Austrália. Esses detêm 90% de toda a riqueza.

LUTA NO CAMPO

O Abril mais vermelho dos últimos anos

Os trabalhadores rurais sem terra do MST estão em pleno abril vermelho, realizando ocupações de terras, prédios públicos, além de manifestações de rua e bloqueio de estradas.

É a maior jornada nacional de lutas do MST nestes seis anos de governo Lula. Já foram registradas ações em 18 estados e no Distrito Federal. As reivindicações são justas e necessárias para por fim ao latifúndio e colocar o país no rumo do socialismo.

A exigência é de assentamento imediato de 150 mil famílias acampadas, a construção de 100 mil casas populares no campo, além de crédito agrícola específico para os assentamentos.

Em nota, o MST explica: “Depois de 12 anos da chacina que assassinou 19 trabalhadores rurais, no município de Eldorado de Cara-

jás, no Pará, pouco mudou para os sem-terra. As famílias continuam acampadas, as empresas do agronegócio avançam sobre o território brasileiro, conquistando terras que deveriam ser destinadas aos trabalhadores rurais. O governo tem dado prioridade ao agronegócio. Só o Banco do Brasil emprestou 7 bilhões de dólares para 15 grupos econômicos, enquanto nossos assentamentos não têm apoio suficiente.”

Luta prossegue em meio às tentativas de criminalização

No Pará, cerca de mil trabalhadores sem-terra e garimpeiros estão acampados próximos às instalações da Vale reivindicando direitos e a re-estatização. “A companhia alega que não tem responsabilidade diante da questão agrária, mas concentra terras, renda e explora



Famosa foto de Sebastião Salgado

recursos naturais de maneira predatória para o meio ambiente”, afirma a Direção Nacional do MST. No Rio Grande do Sul, município de São Gabriel, o clima é tenso entre empresários e os sem-terra quanto à posse da Fazenda Southall. As famílias pobres querem um lugar para morar e plantar alimentos, já os empresários querem plantar eucalipto, enriquecer com a celulose e destruir o solo. Em Pernambuco, ocorreram cer-

ca de 27 ocupações de terra, reunindo mais de 5 mil famílias.

Em todas as ações, os sem-terra são perseguidos pela polícia e seguranças particulares. A tentativa é de criminalizar as ações para barrar o MST e quebrar o apoio da sociedade. Segundo dados da Comissão Pastoral da Terra, em 2007 houve 28 mortes em conflitos no campo e inúmeras ameaças e despejos violentos.

SANTA CATARINA

A luta dos metalúrgicos de Garuva-SC continua

A burguesia metalmeccânica de Garuva demitiu seis dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Garuva e Itapoá, eleitos na assembléia geral de fundação da entidade, realizada em 10 de Junho de 2007.

Três destes dirigentes, Edson da Silva, Francisco Lanzarin e Sebastião Inácio Filho, funcionários da Marcegaglia do Brasil Ltda., aguardam decisão da Justiça do Trabalho a respeito do seu pedido de reintegração ao emprego.

Os companheiros Rosiane Kominkiewicz e Jaime Lino Kominkiewicz obtiveram liminar de reintegração ao emprego, concedida pela juíza da 2ª Vara do Trabalho de Joinville. No momento

aguardam o cumprimento da decisão.

Apesar do ataque patronal representado pelas demissões, a diretoria do sindicato continua firme no seu propósito de organizar a categoria, fazendo filiações e o trabalho de porta de fábrica.

No momento a diretoria está implantando a sede do sindicato no centro de Garuva. Já distribuiu na categoria o terceiro boletim informativo e participará da 1ª Plenária Estadual da CUT/SC, a realizar-se de 23 a 25 de Abril em Florianópolis.

Outra parte da luta trata-se da sustentação material dos companheiros demitidos, até que aconteça a sua reintegração aos postos de trabalho, estando em curso

uma campanha nacional e internacional de entidades que estão contribuindo financeiramente para a manutenção da entidade e seus dirigentes.

Entenda o Caso

1 – A cidade de Garuva localiza-se a cerca de 40km ao norte da cidade de Joinville, terceiro pólo industrial do Sul do Brasil.

2 – Tendo em vista o crescimento da categoria dos metalúrgicos de Garuva e de Itapoá, em virtude da proximidade de Joinville e do futuro porto que já se instala em Itapoá, e pelo isolamento sindical em que se encontrava, resolveram os trabalhadores fundar o Sindicato dos Metalúrgicos de Garuva e Itapoá.

3 – Para isso realizaram assembléia geral em 10 de Junho de 2007, fundaram a entidade, nos marcos da CUT, registraram em cartório e já pediram o registro no Ministério do Trabalho.

4 – Em 11 de Junho de 2007 a Marcegaglia do Brasil demitiu três dirigentes, dentre eles o presidente e o vice-presidente.

5 – Posteriormente mais dois dirigentes foram demitidos da Fundação Curitiba e da Refrex Evaporadores do Brasil. Por último, no mês de março de 2008 um quinto dirigente foi demitido da Garuva Abrasivos.

Para ajuda financeira e/ou de moções, entre em contato: Edson (47)9917-3429 – e-mail: sindimental@pop.com.br

ASSINE **Luta de Classes**

Jornal da Esquerda Marxista • 12 N°s - R\$ 36,00
Pela reconstrução da 4ª • 12 N°s - R\$ 50,00
Internacional (solidário)

Peça sua assinatura por carta, telefone ou e-mail.
Av. Santa Marina, 440, cj.04 - Água Branca, São Paulo, SP-CEP: 05036-000
Fone: (11)3615-2129 e-mail: contato@marxismo.org.br home: www.marxismo.org.br

Aumento dos preços dos alimentos e a “moralidade” capitalista

DANIEL FELDMANN

O espectro da fome ronda o mundo. Ou, melhor dizendo, a subida recente dos preços dos alimentos tem tornado a vida ainda mais difícil para os trabalhadores em todo o mundo.

A própria ONU (Organização das Nações Unidas) admite que nos últimos seis meses o preço dos alimentos subiu 50% em média. Estatísticas do Banco Mundial e do FMI (Fundo Monetário Internacional) mostram que o preço do trigo subiu 130%!

Frente a isso protestos têm sacudido vários países como México, Indonésia, Índia, Egito, Haiti, Senegal... Quem é o responsável por este encarecimento brutal?

Aqui nos deparamos com um festival de mentiras e falsidades. O Diretor-gerente do FMI, Straus Kahn, ex-ministro no governo do Partido Socialis-

ta francês, representando os interesses da burguesia da Europa, afirma que a fabricação de álcool e biocombustíveis é um “problema moral”, pois têm contribuído para a carestia dos alimentos. Entretanto, o FMI e esses senhores não sentiram nenhum problema de consciência quando impuseram nas últimas décadas uma política que só contribuiu para que chegassemos à situação atual.

Claro, a “febre do etanol” é uma das responsáveis pelos problemas atuais, ao contrário do que Lula anda dizendo. No México a produção de etanol à base de milho quase triplicou o preço aos consumidores do produto que é a base alimentar dos mexicanos e de boa parte dos países da América Latina. Quem pode duvidar que tal situação não se reflita em outros países cegos pela “etanolmania”?

Ainda mais numa situação em que os altos preços do petróleo tornam extremamente estimulante canalizar terras e recursos para lucrar com a produção dos biocombustíveis.

Todavia, quem poderia afirmar que as políticas “liberalizantes” do FMI, que exigiram abertura de mercados e aumento das exportações dos países pobres para pagamento da Dívida, não foram “imorais”?

Com tais políticas os países dominados voltaram-se ainda mais para a produção de produtos primários de exportação através de monoculturas encarecendo assim a produção interna de alimentos.

Ao mesmo tempo, o próprio FMI exigiu em seus “Planos de Ajuste”, nos países dominados, a redução dos subsídios aos agricultores internos, com objetivo de cortar gastos do governo. Já na crise financeira asiática em 1997, isso

levou à ruína da produção de arroz na Indonésia e triplicou os preços desse alimento essencial naquela região.

Trata-se de um círculo vicioso. A combinação de abertura de mercados e corte de subsídios destrói a produção interna de alimentos e torna necessária a sua importação. O que por sua vez exige maior produção para exportação para que os países tenham dólares para comprar comida fora. Comida esta que poderia perfeitamente ser produzida internamente! Quanta “moralidade” não é mesmo?

A FAO (órgão da ONU para a alimentação) também traz o seu diagnóstico para a crise. De um lado, minimiza os efeitos dos biocombustíveis e aponta outras causas para a subida dos preços, como o aumento dos custos dos insumos agrícolas devido aos monopólios do setor e à alta do petróleo, assim como os efeitos da especulação financeira sobre os preços dos produtos agrícolas, principalmente após a crise dos “subprime” americano que têm feito os especuladores procurarem ativos mais “seguros”.

Até aqui concordamos... Mas qual a “solução” prevista pela FAO e pela ONU, “solução” esta endossada com entusiasmo nas últimas declarações de Lula?

Reduzir os subsídios agrícolas que permitem os agricultores dos EUA e Europa sobreviverem e produzir com preços competitivos no mercado mundial.

Mas, cortar os subsídios seria uma solução, mesmo que paliativa? Por acaso uma redução dos subsídios dos países ricos, permitiria uma efetiva produção de alimentos

CHARGE

CRISE ECONÔMICA



nos países pobres?

Ledo engano. Tal solução passa longe da raiz do problema. Na verdade a reivindicação da redução de subsídios dos países ricos só teria como resultado efetivo um aumento dos mercados e do lucro dos setores ligados ao agronegócio e monoculturas de exportação dos países dominados. Setores esses que no Brasil empregam pouquíssima gente e concentram terras de maneira acelerada: são megaempresários e multinacionais.

Na verdade, o que nenhum dos protagonistas deste debate diz é que o grande responsável pela alta dos alimentos é o próprio capitalismo. Sabemos que existem recursos e terras para produzir alimentos de forma barata e suficiente inclusive nos países mais pobres.

Entretanto a lógica do

capital que tem como objetivo o lucro em primeiro lugar, faz com que bilhões vivam na extrema miséria. É evidente que só a planificação socialista da agricultura, aliada às conquistas técnicas da indústria, pode solucionar essa grave questão.

Mais ainda, mesmo a reforma agrária, que não é em si uma medida socialista, já poderia gerar no Brasil milhões de empregos e por tabela multiplicar a produção interna de alimentos, barateando-os.

Desgraçadamente como afirma o MST, a “reforma agrária” do governo Lula tem um saldo igual ao de FHC: deixou intocada a estrutura perversa da concentração de terras no Brasil. Esse é o preço da coalizão de Lula com a burguesia.

“Viva os usineiros! Viva o agronegócio!” Mas e o povo? Mas e a reforma agrária?

Universidade Vermelha

O 1º módulo da Universidade Vermelha - curso de formação organizado pela Esquerda Marxista - está ocorrendo com grande sucesso em dezenas de cidades brasileiras.

A partir de Maio terá início o 2º módulo sobre o Imperialismo, fase superior do capitalismo, onde estudaremos as condições que levaram o capitalismo a se transformar em imperialismo no início do Século XX. Compreender essa realidade é essencial para enfrentar a classe burguesa na luta pela revolução.

Participe da Universidade Vermelha! Acesse o Blog no nosso site para saber a data em que ocorrerá na sua cidade.

Entrevista: Ocupar, produzir e lutar!

Trechos de entrevista com Pedro Santinho, coordenador do Conselho de Fábrica eleito pelos trabalhadores da Flaskô: "A Flaskô é a última trincheira das fábricas ocupadas no Brasil. Por isso devemos colocar no centro sua defesa!"

Jornal Luta de Classes: Por que ocupar uma empresa e colocá-la a produzir?

Pedro Santinho: Esta é uma questão bastante importante. De um ponto de vista parece muito complicado. Mas devemos olhar para as coisas de maneira realista e observando os fatos concretos. Ocupamos a Flaskô para defender nossos postos de trabalho diante do abandono do patrão. Desde 1998 uma crise muito grande passou na indústria brasileira e em particular na Flaskô. Saímos de mais de 300 operários em fins de 98, sendo que no início dos anos 90 éramos 600, para chegar em 2002 com pouco mais de 70. Sabíamos que o patrão havia abandonado a empresa, estava mais preocupado em gerir o dinheiro que havia arrancado aqui nas suas aplicações. Quando tomamos esta decisão estávamos com 2 meses de salários atrasados, sem falar de todos os outros ataques e principalmente sem perspectiva. Quando os companheiros da Cipla mostraram que poderíamos levantar a cabeça para impedir mais esta destruição com o fechamento da fábrica, nós simplesmente fizemos o que sabemos fazer, trabalhar e produzir.

Jornal: Por que os trabalhadores da Flaskô não aceitaram a saída do cooperativismo?

Pedro: Aqui também é bastante simples a questão. Não aceitamos a saída do cooperativismo porque na verdade não é saída para nada. É um beco sem saída que os patrões e aqueles que já abandonaram

os interesses de nossa classe apresentam simplesmente para se livrar da luta dos trabalhadores e assim do verdadeiro problema e a verdadeira solução: a luta contra o capital, a planificação da econômica, com a expropriação dos bancos e dos grandes monopólios. Há aqueles que defendem o cooperativismo como se pudéssemos criar uma transição a uma economia que fosse organizada de acordo com os interesses dos trabalhadores de maneira gradual com a ampliação do cooperativismo e de empresas e outras coisas solidárias, sem se enfrentar com os patrões e seu estado, fazendo reformas no capitalismo até chegarmos a outro mundo. Para nós, sabemos que a única saída para nossa classe é sua organização e a luta pelo socialismo, que passa por defender cada conquista e se defender de cada ataque dos patrões, mas temos claro que o capitalismo é um beco sem saída. A todos aqueles que estão nas cooperativas nós dizemos: Nossa classe só pode vencer unida. Nossa classe só pode vencer se se colocar em luta contra o capital e seus governos, por isso lutamos pela expropriação de todas as empresas quebradas, por isso defendemos que para abrir uma saída para os explorados é necessário expropriar os bancos e os grandes monopólios e colocá-los sob o controle democrático dos trabalhadores que são os únicos que podem organizar a economia de acordo com os interesses das maiorias exploradas.

Jornal: Podemos comparar a nacionalização das empresas na Venezuela com o



Encontro na Flaskô em Dezembro de 2007

que reivindicam os trabalhadores da Flaskô? Por que Chávez faz isso na Venezuela e Lula não o faz no Brasil?

Pedro: As nacionalizações na Venezuela são o resultado da mesma luta que os trabalhadores das fábricas ocupadas levam no Brasil. Mas aqui temos uma situação bastante importante quando vemos os dois governos, o Governo Chávez tem nacionalizado fábricas tomadas pelos trabalhadores, tem nacionalizado setores estratégicos da economia como forma de defender os interesses do povo oprimido da Venezuela, e a cada dia se enfrenta com mais ataques da oligarquia venezuelana e, sobretudo, do imperialismo norte-americano. No Brasil, o Governo Lula decidiu governar junto com os inimigos históricos da classe trabalhadora, a tal coalizão para a governabilidade, e assim o governo a cada dia adota medidas que favorecem os patrões e os latifundiários. Para nós, a Venezuela é a ponta mais avançada da luta dos trabalhadores no mundo, um exemplo de resistência que tem levado o Governo Chávez a adotar medidas em defesa dos interesses dos trabalhadores. E os trabalhadores a cada dia têm se organizado, a UNT, a FRETECO e agora o PSUV.

Jornal: Além do Governo Lula não atender a reivin-

dicação de estatização, quais as principais dificuldades da luta hoje? Qual a perspectiva dos trabalhadores da Flaskô?

Pedro: É importante termos claro que não é apenas a recusa do governo Lula em atender nossa reivindicação. É muito mais: o governo decidiu, junto à justiça e à burguesia, desferir um golpe no Movimento das Fábricas Ocupadas com a intervenção. Uma mancha na história deste governo de traição que nunca se apagará! Nossa perspectiva é seguir nossa luta junto aos trabalhadores, mesmo sabendo que hoje o governo trabalha por tentar sufocar nosso movimento dentro da economia capitalista ganhando tempo, pois parece que a oposição que encontrou em todo movimento operário o impede de um novo ataque. Mas não descartamos outro ataque, sabemos que a todo o momento estão trabalhando para nos calar.

Jornal: Qual a relação do Movimento das Fábricas Ocupadas com o MST, MTST e outros Movimentos Sociais que também usam "ocupações" como meios de luta?

Pedro: Nossa relação é bastante forte e importante. Primeiramente nós estamos sempre solidários com a luta de todos os explorados do campo e da cidade. É claro que os companheiros do MST são nossos aliados históricos, pois sabemos que no Brasil a luta

pela reforma agrária é central. Também a luta pelo teto é muito importante.

Jornal: Como será o Tribunal Popular de Junho?

Pedro: O Tribunal Popular será um momento muito importante para a luta dos trabalhadores das fábricas ocupadas. Não somente porque poderemos ver, discutir todos os avanços que os operários da Cipla e Interfibra haviam conquistado, como a jornada de 30 horas semanais, mas principalmente porque isto mostra o que a classe operária organizada pode fazer em toda a sociedade, e isto passa por julgarmos os crimes cometidos contra nosso movimento que na realidade é um crime contra a luta dos trabalhadores e dos explorados da cidade e do campo.

Jornal: Como os trabalhadores de qualquer fábrica, sindicato, os jovens de qualquer universidade, escola, podem ajudar a luta da Flaskô?

Pedro: Continuamos produzindo e lutando, sabemos que a situação é muito difícil diante da tentativa de nos isolar que o governo fez com a intervenção. Assim precisamos da mais ampla solidariedade para exigir do governo a estatização da fábrica, que passa necessariamente pela retirada da Intervenção na Cipla e Interfibra. Mas como disse, o governo Lula parece determinado a seguir sua aliança com os patrões e o imperialismo. Diante disso devemos organizar a luta de nossa classe, nas ruas, nas escolas, nos bairros e nas fábricas. E a melhor forma de ajudar a luta da Flaskô é que os trabalhadores ocupem outras fábricas, ocupem latifúndios, ocupem prédios e terrenos, que os estudantes ocupem as universidades, etc. Precisamos fazer repercutir nossa luta, precisamos nas ruas fazer nossa unidade.

DE OLHO NOS TRILHOS

Dia Nacional de Luta dos ferroviários

Em defesa da Dupla Condução, contra a Monocondução! Em defesa da Primarização contra a Terceirização! Em defesa da igualdade de direitos contra a discriminação!

ROQUE FERREIRA

Reunida em Brasília nos dias 8, 9 e 10 de Abril, a FNITST (Federação Nacional Independente dos Trabalhadores Sobre Trilhos) da CUT, na qual estão filiados os sindicatos de ferroviários da Bahia e Sergipe, Maranhão, Pará e Tocantins, Bauru (SP), Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, Central do Brasil, Nordeste, Piauí, Rio Grande do Norte, Alagoas, Conselheiro Lafaiete (MG) e Tubarão (SC), desenvolveu uma série de atividades visando barrar a proposta da ANTT (Agência Nacional de Transporte Terrestre) de regulamentar a prática da monocondução.

A ANTT abriu em 11/03 processo de consulta pública para que todos os interessados apresentassem propostas para a regulamentação da monocondução. No dia 10/04, a FNITST e os sindicatos filiados, protocolizaram documento no órgão, se colocando contra a medida e reivindicando o restabelecimento da prática da dupla condução na ALL, MRS-Logística, Ferronorte, FCA e Vale do Rio Doce, operadoras privadas que praticam a monocondução.

A monocondução vem sendo contestada pelo judiciário que vem dando sentenças favoráveis aos trabalhadores como ocorreu na Novoeste e Ferrobán, em ações patrocinadas pelo sindicato dos ferroviários de Bauru, MS e MT. Entre as razões estão os riscos da operação ferroviária que podem provocar aci-

dentes graves, causando dano ao pessoal, meio ambiente, patrimônio e usuários. O aumento da tensão e da pressão no maquinista concorrendo para doenças profissionais em virtude de toda parafernália tecnológica embarcada nas locomotivas que passam a exigir triplicada atenção dos condutores.

Coincidências muito estranhas

A FNITST-CUT também entregou aos 513 deputados federais e aos 81 senadores, documento denunciando a postura da ANTT, que vai de encontro aos interesses das operadoras privadas, e a estranha coincidência de a agência em propor a regulamentação da monocondução logo depois de 14 de fevereiro de 2008, data em que o Ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento anunciou que o novo diretor da ANTT, seria o senhor Bernardo Figueiredo, em substituição a José Alexandre Resende.

Bernardo Figueiredo foi um dos sócios fundadores da FSA, hoje ALL (América Latina Logística) operadora privada com sede na cidade de Curitiba, que opera diretamente as malhas ferroviárias dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 2006 assumiu o controle acionário da Brasil Ferrovias passando a controlar as empresas: Ferrovia Novoeste, Ferrobán, Ferronorte e Portofer, se constituindo na maior operadora de logística de transporte do país, detendo mais de 60% do

controle do setor.

Também foi presidente da ANTF (Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários), organização que congrega as ferrovias de carga brasileiras, nascidas do processo de desestatização ocorrido entre 1996 e 1999. É um representante das corporações privadas que controlam e operam a malha ferroviária do país.

Normas da ANTT não são leis

Mesmo que a diretoria da ANTT se submeta às determinações das operadoras privadas e aprove regulamentação da monocondução, a medida pode ser questionada judicialmente e isso a FNITST-CUT e seus sindicatos estão preparados para fazer. As decisões judiciais que hoje impedem a prática também continuarão em vigor. Companheiro ferroviário direto e indireto: o que pode barrar a sanha destruidora de direitos da categoria e evitar que sejamos novos escravos é nossa ação direta. A FNITST-CUT tem acompanhado e participado de várias ações promovidas pelos nossos sindicatos. Agora temos que unificar nossas ações, mobilizar e organizar a categoria para nacionalmente irmos à luta, inclusive com a perspectiva de construirmos e realizarmos uma grande greve nacional.

Monocondução profunda a discriminação

Na denúncia entregue ao Ministro Edson Santos informamos que as ferrovias brasileiras foram grandes empregadoras de negros, mesmo que nas funções mais penosas, insalubres, e que exigiam força física. Podemos citar os trabalhadores de via permanente, foguistas, manobreadores, maquinistas, maquinistas auxiliares e artífices de manutenção de várias especialidades.

As ferrovias privatizadas de 1996 a 1999 demitiram 76% da mão de obra, sendo



Acidente entre trem da ALL e ônibus: consequência das imposições da operadora privada à condução

que destes, 85% foram de negros, agravando as consequências do racismo brasileiro.

Se a ANTT insistir em regulamentar a monocondução, quem mais uma vez arcará com o ônus serão majoritariamente os negros, na medida em que 83% dos ferroviários que exercem as funções de manobreadores e maquinistas auxiliares (viajam com o maquinista) são negros, e serão os demitidos.

No momento onde está aberta na sociedade brasileira a discussão da inclusão da população negra em todos os sentidos, como admitir que empresas que são concessionárias de serviços públicos, que recebem dinheiro público, promovam ações que alimentam o desemprego e a exclusão, que atinjam em cheio a população negra.

A FNITST-CUT aprovou na reunião em Brasília realizar em 30/04, dia nacional do ferroviário, jornada de lutas com atividades em todo o país contra a Monocondução, a Terceirização e a Discriminação.

E em 13 de Maio mais um grande dia de lutas!

Terceirização Ilegal

De forma ilegal as operadoras privadas terceirizaram ilegalmente as atividades ferroviárias previstas no artigo 237 da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho): Mecânicos, Conservadores de Via Permanente, Operadores de Máquinas Especiais e Via são atividades principais e permanentes, não podendo ser terceirizadas. Usam uma série de artifícios ilegais como os contratos temporários

“Se a ANTT insistir em regulamentar a monocondução, quem mais uma vez arcará com o ônus serão majoritariamente os negros, na medida em que 83% dos ferroviários que exercem as funções de manobreadores e maquinistas auxiliares (viajam com o maquinista) são negros, e serão os demitidos.”

com as terceirizadas, para lesar os trabalhadores, que em sua grande maioria são ex-ferroviários que foram demitidos pelas operadoras privadas e que voltaram para as mesmas funções, agora na condição de trabalhadores precarizados. Unificar o ferroviário direto e o ferroviário terceirizado deve ser uma prioridade das direções sindicais para

que possamos ter força, e enfrentar as operadoras privadas! No fim das contas, a luta maior é pela reestatização das ferrovias!

Aécio presidente? PT e PSDB juntos?

O boi passou em 1987. Em 2008, a boiada quer passar por Minas Gerais para chegar a Brasília em 2010

SERGE GOULART

O Encontro Municipal do PT, de Belo Horizonte (MG), em 13/04/08, decidiu pela construção de uma candidatura a prefeito que tem por base um “consenso com o PSDB” e a participação numa coligação com o PSB e o PSDB.

Fernando Pimentel, prefeito petista de Belo Horizonte, explica numa entrevista à revista “Isto É”: “Há uma agenda comum sendo construída. Ela envolve responsabilidade fiscal, compromisso com os contratos assumidos, metas claras do ponto de vista monetário e econômico que permitam dar segurança para o investimento externo e interno, para o investidor que busca um horizonte seguro para seu dinheiro. Isso não é coisa dos tucanos, é uma agenda do País. Tanto é assim que o governo Lula manteve em larga medida esses parâmetros”. Esta aliança já tem até nome: “Projeto País”.

E segundo a “Isto É”, na tarde de 22 de Março, Pimentel esteve no Palácio do Planalto para pedir o aval de Lula. Depois disso Pimentel e Patrus, ex-prefeito e atual ministro, comandaram a aprovação desta política conquistando 85% dos votos no

Encontro Municipal de Belo Horizonte.

Um escândalo completo! Mas como se chegou a isto?

No 5º Encontro Nacional do PT, em 1987, Zé Dirceu, com apoio de Lula, conduziu a aprovação da “tese” da Articulação (hoje, conhecida como Campo Majoritário) que definia a política de “Acumulação de Forças” (nunca se podia lutar porque estávamos na “etapa de acumular forças”!) de onde decorria a “Etapa Democrática e Popular” e a constituição de “Governos Democráticos e Populares”. Esta política revogava a política das origens do PT.

Se impunha assim a política de colaboração de classes e a busca de “burgueses progressistas”. Começou com as alianças com o PDT e as chamadas Frentes Populares. Era só o começo.

Hoje, isto já chegou ao PMDB, ao PP e qualquer partido disposto a devorar cargos e projetos no governo. O governo de coalizão atual é a expressão desta política nefasta de colaboração de classes.

A Frente Popular (governos com setores da burguesia) obviamente não pode avançar nas lutas da classe



Aproximação com tucanos mancha Partido dos Trabalhadores

trabalhadora, pois “provocaria” os aliados capitalistas. Assim, as lutas devem ser paralisadas. E as medidas do governo devem animar e soldar as alianças com os capitalistas e por isso não podem satisfazer os interesses da classe trabalhadora. Todas as medidas desta política concreta que mantém a exploração de uma classe sobre outra são sempre apresentadas como de “interesse nacional” ou “para o bem de todos”.

Mas não há na história nenhum exemplo de governos de partidos da classe trabalhadora com partidos capitalistas que tenha sido um sucesso em qualquer aspecto ou que não tenha terminado em derrotas imensas ou em tragédia. Nenhum!

A política definida em 1987, no 5º Encontro, “progrediu” e hoje tem o apoio de todas as grandes correntes do PT (Campo Majoritário, DS, Articulação de Esquerda, Movimento PT, PT de Lutas e Massas, etc.). Estas correntes têm votado todas as resoluções em conjunto nos últimos anos. Suas cúpulas só se divi-

dem quando os cargos, no partido e no governo, estão em disputa. Agora estão assustados com o monstro gerado ou melhor com seu próprio futuro se Aécio acaba o candidato de Lula em 2010.

Obviamente que as correntes “de esquerda” do partido estão, bastante discretamente, se posicionando contra este verdadeiro acordo de união nacional. Mas, a proposta de Pimentel é lógica do ponto de vista da política de alianças definida e praticada por Lula junto com todas estas correntes. Só que é difícil convencer os militantes de que não existem mais inimigos de classe e que se pode abraçar todo mundo. Lula tem dito há anos que gostaria de fazer “um partido com os homens de bem do PT e do PSDB”.

Mas isso vai provocar crises e desmoralização nas fileiras destas correntes e nas suas bases sindicais que estão diretamente pressionadas pelas reivindicações dos trabalhadores. Enquanto Lula governa com um crescimento econômico sustentado pela ampliação artificial do crédito e por

entradas maciças de capital internacional, ele tem fôlego para manobrar. Mas quando a crise internacional se aprofundar e atingir o Brasil a margem de manobra acaba e esta política provocará choques imensos na base.

Combatendo desde o início o governo de coalizão de Lula com os capitalistas, a Esquerda Marxista se opõe a esta aliança contrarrevolucionária. A tarefa dos revolucionários, hoje, é preparar as bases de construção de uma grande corrente marxista intervindo na luta de classes, formando militantes, agrupando os que buscam resistir e explicando as consequências da política da direção do partido e como a classe operária pode construir uma saída em direção ao socialismo.

Trechos da incrível entrevista de Pimentel

“Aliança PT/PSDB é risco calculado e está indo bem”

“O Patrus em um dado momento externou até publicamente: mas não seria melhor uma chapa PT com o PSDB de vice?”

Sobre candidaturas a presidente em 2010:

“Eu acho que o governador (Aécio Neves) reúne essas qualidades. Eu acho que o ministro Patrus reúne essas qualidades, que a ministra Dilma (Casa Civil) reúne essas qualidades. Eu tenho um pouco de dúvida em relação ao governador José Serra, mas o respeito muito”.

“Mas eu vou sempre trabalhando por ele (Lula) e apoiando o governador (Aécio)”.

Fonte: www.fernandopimentel.com.br



Lula e Pimentel (PT) com Aécio Neves (PSDB)

MOVIMENTO ESTUDANTIL

UnB: A Queda do Reitor

Uma Grande Conquista do Movimento Estudantil

INÁCIO DE OLIVEIRA

A ocupação da reitoria da UnB (Universidade de Brasília), que resultou na queda do reitor Timothy Mulholland, prova que a mobilização é a única ferramenta para defender a universidade pública. A defenestração do reitor corrupto, seu vice e sua equipe é uma vitória parcial dos estudantes, mas que não encerra toda a pauta, sequer seus mais importantes objetivos: eleições paritárias, estatuinte que enfrente a paulatina privatização da universidade brasileira – efetuada, principalmente, pelo sistema de criação de “fundações” – e o fim do REUNI.

É preciso que haja, a partir da própria UNE, UEEs,

DCEs, CAs e DAs, um aprofundamento do debate a respeito do assunto e das oscilações pequeno-burguesas diante da possibilidade de uma radicalização da luta. A continuidade do movimento poderá levar a vitórias que ampliem as conquistas, situando-as em um nível que demonstre que a principal causa da corrupção na Universidade pública brasileira é a tentativa do capital de privatizá-la. Isso aponta a necessidade de uma estratégia que possa avançar no movimento da comunidade universitária como um todo.

A utilização de “fundações” pelas universidades é apenas a ponta do iceberg. O corte de verbas para o ensino e de materiais de laboratório, os baixos salários e a decorrente

falta de professores, as péssimas condições de alojamento estudantil são conseqüências dessa política de governança mundial da educação que tem no imperialismo seu tutor. O ensino público sofre incessante ataque do Estado burguês, o qual se intensificou a partir do Governo Collor e acelerou-se com FHC.

A ocupação da reitoria da UnB tornou clara a crise no interior da burguesia, que se organizou para derrubar Thimonti Mulholland e, agora, prepara-se para derrubar o Reitor da Unifesp, Ulysses Fagundes Neto. Nesse contexto, a imprensa burguesa joga o papel de auxiliar dos grandes interesses da oligarquia e do capital internacional, manipulando a informação a favor da desmobilização



Mobilização continua após fim da ocupação. Cartaz diz: “Se precisar a gente volta”

do movimento estudantil para amaciar os ânimos contra as mazelas do capital e do Ministério da Educação.

Nitidamente o movimento estudantil encontra-se em um ascenso, tal como não se via desde 1968. São inúmeras as reitorias de universidades públicas ocupadas em menos de um ano, mas os estu-

dantes independentes têm sido o verdadeiro motor das ocupações, principalmente na UnB, demonstrando que uma nova camada de ativistas está realizando uma importante experiência política, com impulsão suficiente para levar até o fim uma luta conseqüente pelo atendimento das reivindicações.

MOVIMENTO NEGRO SOCIALISTA

Combater o Racismo, Lutar pelo Socialismo

Coordenação Nacional do MNS

No dia 10 de Maio se realizará em São Paulo, a 3ª Reunião Nacional do MNS (Movimento Negro Socialista) e a pauta será a seguinte:

- Conjuntura Nacional e Internacional
- Luta contra o racismo e o racismo
- Movimento operário e Movimento Negro
- Plano de lutas e calendário de atividades



1ª Reunião Nacional do MNS (2006)

Barak Obama do partido Democrata, é o primeiro negro com chances reais de ganhar as eleições e se tornar presidente dos EUA, iludindo a juventude negra e servindo aos interesses do imperialismo. Ao mesmo tempo em que no Brasil se aprofunda a criminalização dos movimentos sociais e a aplicação de políticas racialistas (leis com base

em “raças humanas”). Esta situação traz à tona o racismo e as conseqüências nefastas destas políticas para todo o povo oprimido brasileiro, em especial os negros. Sendo mais um obstáculo na luta pelas reivindicações e, portanto contra a unidade de todos contra o inimigo comum: a burguesia.

A nossa reunião deve se debruçar sobre estes temas e

impulsionar a formação política dos apoiadores e militantes do MNS. A necessidade de uma sólida formação de quadros negros que intervenham na luta de classes de um ponto de vista da luta pelo socialismo é fundamental para a construção da unidade de todos explorados e oprimidos, nas grandes batalhas que se avizinham. Para cumprir esta tarefa, a coordenação nacional eleita em 2007 abre a discussão no MNS da fusão com a Esquerda Marxista, única organização do movimento operário que tem tido uma posição e prática no combate contra o racismo e pelo Socialismo.

A Esquerda Marxista é das poucas organizações políticas que não caiu na armadilha da defesa das cotas raciais que reflete a linha política de “dar face humana” ao capita-

lismo, desviando o movimento negro de luta contra o racismo de lutar contra o sistema que inventou e perpetua o racismo e as desigualdades sociais: o capitalismo.

Outra deliberação importante é a preparação e relançamento da campanha “Mano não mate, Mano não Morra. Paz entre nós e guerra aos senhores”, que pode retomar a luta contra o racismo, principalmente na juventude, nas escolas das periferias do Brasil, contra a violência policial.

São temas importantes e fundamentais que necessitam de impulsão política e organizada para que possamos dar um salto de qualidade na construção do MNS e intervir de forma qualitativa na luta de classes.

Participem, organizem suas delegações!

MÉXICO

Luta revolucionária segue em defesa da PEMEX

(Tradução de texto da *Tendência Marxista Militante, do México*)

No domingo, 13 de Abril, realizou-se a assembléia informativa sobre a privatização do petróleo, milhares de jovens, trabalhadores e donas de casa foram escutar um informe sobre os atos que as brigadas em defesa da PEMEX realizaram.

Na reunião se respirava um ar de fúria e desejo de lutar, nem mesmo o mau tempo diminuiu os ânimos, pelo contrário, não se deixou de escutar palavras de ordem como “vai cair, vai cair, o espúrio vai cair” (referindo-se ao presidente mexicano).

Às 10 da manhã o Zócalo (praça central) estava praticamente cheio, minutos mais tarde milhares abarrotaram as ruas que cercam a praça central e o ambiente

era tão bom que nem mesmo quando os monitores do ato pediram para manter o silêncio em respeito às batidas dos sinos da catedral, as pessoas se calavam.

Este ato e as ações tomadas na semana passada demonstram a grande vitalidade do movimento, milhares têm se somado às brigadas que já ocuparam a câmara de deputados e senadores e agora planejam sair com toda a disposição do mundo para tomar qualquer edifício público ou câmara de representantes, inclusive o aeroporto da cidade do México.

O ponto culminante do evento foi quando AMLO (Andrés Manuel López Obrador) tomou o microfone para dar mais alguns dados sobre os negócios obscuros fecha-

dos pela estatal com companhias privadas, denunciou também a política que Felipe Calderón desenvolve desde que era secretário de energia.

Também falou das ações que as brigadas desenvolveram e que graças a elas não foi possível levantar entre as frações parlamentares dos partidos PRI e PAN uma manobra para aprovar a reacionária reforma energética. Enfatizou que a única força capaz de parar este ataque é o povo. Especialmente estas palavras encheram de confiança os presentes, acentuando sua disposição à luta e de ir até o final pela defesa do petróleo.

No plano de ações programou-se duas atividades para esta semana, de um lado um cerco novamente, por parte das brigadas femininas, no Senado e por outro lado as-



Instalações da PEMEX

sembléias informativas em todas as praças públicas do país.

Como bem disse López Obrador, é possível que neste período de sessões da câmara dos senadores já não possa ser aprovada a reforma energética (esta termina no dia 30 de Abril), em todo caso nós devemos permanecer atentos, nós vimos em mais de uma ocasião que os partidos da direita se utilizam da maioria para aprovar leis anti-operárias no último minuto.

López Obrador comentou que o slogan principal neste momento é o debate público e nacional sobre a reforma, embora seja importante que um debate nacional seja desenvolvido, no final das contas não é o fundamental, já que estas reformas trazem os interesses de uma classe parasitária e exploradora, e a estes senhores nós não vamos convencer, por melhores que sejam os nossos argumentos. O que se trata é de frear este ataque contra os trabalhadores e o povo em geral e isto não poderá ser feito com bons argumentos, mas com a luta nas ruas. É como se um suculento coelho quisesse convencer um tigre que não o comesse, que o melhor é se tornar vegetariano.

Nós, trabalhadores, devemos apostar em uma greve geral, não somente contra a reacionária reforma energéti-

ca, mas para anular todas as políticas anti-operárias que implementaram no último período.

Para isso, é necessário que este movimento, longe de fechar a porta para alguém, deve convidar todos a lutar, López Obrador deve fazer um chamado sério aos sindicatos para que se somem a esta luta, as bases destes sindicatos seriam responsáveis por pressionar as direções, a idéia para ganhar deve ser a unidade do PRD e dos sindicatos sob um programa revolucionário que lute para tirar Calderón da presidência. O movimento em defesa da PEMEX não pode ser exclusivo de qualquer um, todos os trabalhadores devem lutar contra este novo ataque.

Esta luta é a continuação da luta contra a fraude eleitoral, por melhores salários, etc. Só que em um grau superior, pois agora há experiência, uma camada nova de ativistas se somou à luta, o desejo é imenso e a coragem também. Como na luta contra a fraude, o fator decisivo está na direção do movimento e a política que esta direção defende. A luta nos ensinou que não podemos ser suaves contra nossos opressores, mas resolutos e implacáveis, só com esta atitude e uma política genuinamente revolucionária, socialista, poderemos vencer!



Milhares de mexicanos lotam o Zócalo na Assembléia informativa

PARAGUAI

Vitória de Lugo abre nova situação política no Paraguai

A enorme mobilização que impôs a vitória de Lugo abriu as portas para o vento revolucionário que varre a América Latina invadir o Paraguai.

A burguesia nativa estava apavorada. O partido colorado, no governo há 61 anos, preparava uma fraude espetacular para não ser aliado do governo. Lançaram uma mulher como candidata a presidente para dar a aparência de "renovação". Em vão. Lugo continuava crescendo!

Articularam a liberação do general golpista, Lino Oviedo, para ter outro candidato "de oposição". Também não deu certo!

O governo colorado declarou que Lugo não podia ser candidato porque era bispo. Lugo se demite do bispado e reafirma a candidatura organizando uma aliança com o movimento operário, camponês e estudantil. Então o Santo Papa declara, em Roma, que não aceita a demissão de Lugo e o proíbe de ser candidato ameaçando-o com sanções. Lugo ignora a ameaça e após uma manifestação com mais de 120 mil pessoas em Assunção, em 18 de Abril, paralisa o governo e a burguesia e vence as eleições.

Fernando Lugo, candidato pela "Alianza Patriótica por al Cambio" (APC), obteve 40,82% dos votos, enquanto a candidata do Partido Colorado, Blanca Ovelar, roubando, com-



Povo comemora vitória de Lugo nas ruas (21/04/2008)

prando, fraudando, não conseguiu mais que 30,72%.

O povo paraguaio não esperou os resultados oficiais para sair às ruas e comemorar. O povo trabalhador quer tomar o destino em suas próprias mãos. "Há muitos anos não se via este sentimento de vitória e euforia por parte do povo", comentava Bernardo Rojas, presidente da CUT-Autêntica, a maior central sindical do Paraguai (existem cinco centrais).

Com uma plataforma política "por trabalho, justiça social, soberania e reforma agrária", Lugo construiu uma aliança entre vários partidos e movimentos, entre os principais estão o Movimento Tekoyuyá (Igualdade), Partido Movimento ao Socialismo, Partido Liberal Radical Autentico, Partido Democrático Cristão, Partido Democrático Progressista, entre outros. Tendo começado como uma formação de unidade operária, camponesa e estudantil, esta aliança terminou integrando partidos burgueses

que, obviamente têm interesses de classe diferentes das massas exploradas.

Assim ao assumir o poder, em 15 de Agosto, o primeiro desafio do governo de Lugo será começar a atender as reivindicações populares e começar a resolver o problema do desemprego, que atinge 16% da população. Segundo dados da Dirección Geral de Pesquisas, Estadísticas e Censos (DGEEC, na sigla em espanhol), 35,6% da população paraguaia é pobre e 19,4% (mais de 1,1 milhão de pessoas), extremamente pobre. Na área rural, esse percentual chega a 24,4%. Estas questões não tem resolução em um governo de coalizão com a burguesia. Só a continuidade da mobilização e a pressão popular poderão impedir que esta vitória lhes seja rapidamente confiscada.

Mas, o que está em movimento no Paraguai não é só a vontade de um ou de outro dirigente, mas forças revolucionárias profundas, que se expressaram através destas eleições e agora vão buscar se reforçar e desenvolver sua luta.

A principal batalha da classe trabalhadora no Paraguai será neste processo construir um verdadeiro partido político da classe trabalhadora para avançar em direção à resolução das aspirações mais sentidas do povo. Esta é a tarefa dos marxistas, no Paraguai. Por isso uma delegação da Esquerda Marxista esteve durante semanas lado a lado com os traba-

lhadores das fábricas ocupadas do Paraguai e da CUT-Autêntica, na luta pela vitória de Lugo. A vitória traz grandes perigos e o imperialismo, a burguesia local e vários governos vão trabalhar ativamente para enterrar esta vitória popular.

Começa com Lula e Celso Amorim declarando no dia seguinte que não aceitam rever o Tratado de Itaipu. Isso porque durante a campanha Lula foi diversas vezes ao Paraguai para oferecer dinheiro e ajuda ao governo colorado. Recebeu em Brasília o general golpista Lino Oviedo. Mas não teve tempo para receber ou apoiar Fernando Lugo, o único candidato verdadeiramente popular. Um escândalo para um governo que foi eleito pelos trabalhadores. Mas, é isto que acontece quando um partido operário governa com a burguesia.

O Acordo foi firmado, em abril de 1973, pelas ditaduras militares de Emílio Garrastazu Médici, do Brasil, e de Alfredo Stroessner, do Paraguai. O Tratado que aprovou a construção da maior usina hidrelétrica do mundo até então tem a validade de 50 anos e fixa a repartição da energia entre os dois países. Metade fica com o Brasil e outra com o Paraguai. Na verdade a ditadura brasileira impôs aos colegas assassinos da ditadura paraguaia os termos de um acordo que é um verdadeiro assalto.

Como o Paraguai usa apenas 12% do total produzido, ele é obrigado a vender a eletricidade excedente ao Brasil por preços que variam de US\$ 22 a US\$ 44 o KWH. Um assalto, pois o preço que esta energia é vendida no mercado brasileiro passa dos US\$ 80 por KWH. A recuperação da soberania hidrelétrica é fundamental para o povo paraguaio. Itaipu é responsável por 19% do PIB paraguaio, com ingressos nos cofres públicos de cerca de US\$ 1,5 bilhão ao ano. Um reajuste nos

preços poderia representar importante alavanca para o desenvolvimento do país. Lula prefere continuar assaltando o povo paraguaio?

Para a classe trabalhadora paraguaia, para os camponeses pobres e a juventude, a vitória sobre a máfia colorada é apenas o começo. Ainda é necessário construir um verdadeiro partido operário de massa e reforçar a CUT-Autentica buscando construir uma central sindical que una a classe trabalhadora para conquistar as reivindicações, conquistar a ruptura de Lugo com a burguesia e erguer um verdadeiro governo dos trabalhadores para caminhar para o socialismo.

Holocausto Americano

A Guerra do Paraguai (1864 a 1870) foi o maior e mais sangrento conflito armado internacional ocorrido no continente americano. Quando começou o Paraguai tinha 900 mil habitantes. Quando terminou tinha 180 mil.

A Guerra do Paraguai foi realizada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, a serviço da Inglaterra, que não podia aceitar o desenvolvimento de uma nação que em 1828 já havia declarado a Educação como obrigatória. Nesta época o Paraguai possuía a melhor estrutura industrial da América Latina.

Um dos chefes do massacre, o Duque de Caxias, afirma em 1867, em despacho a Dom Pedro II que "soldados, ou simples cidadãos, mulheres e crianças, o Paraguai todo quanto é ele e López são a mesma coisa, uma só coisa, um ser moral e indissolúvel... Quanto tempo, quantos homens, quantas vidas e quantos elementos e recursos precisaremos para terminar a guerra, isto é, para converter em fumo e pó toda a população paraguaia, para matar até afeto do ventre da mulher"...



Delegação da Esquerda Marxista encontra Lugo no Paraguai

VENEZUELA

Chávez reestatiza Sidor. Uma vitória histórica da classe trabalhadora!

(trechos do texto de Jorge Martín da Corrente Marxista Revolucionária da Venezuela)

Quando Chávez fez um chamamento à “nacionalização de tudo o que foi privatizado”, em Janeiro de 2007, os trabalhadores da Sidor levantaram a bandeira venezuelana nas instalações da fábrica. Começaram a exigir a reestatização. Ao longo de 15 meses de negociação coletiva de trabalho a empresa manteve uma atitude de provocação. Até que a paciência dos trabalhadores se esgotou e eles começaram uma série de paralisações em Janeiro, Fevereiro e Março de 2008.

Qual foi a resposta do Ministério do Trabalho? Em primeiro lugar tratou de impor uma arbitragem obrigatória

aos trabalhadores. Logo, a Guarda Nacional foi enviada pelo governador do Estado de Bolívar para reprimir brutalmente os trabalhadores em 14 de Março, durante uma greve.

Este incidente é o mais grave entre os trabalhadores e a Guarda Nacional durante o governo Chávez. Aqui vemos um dos mais importantes desafios que enfrenta a revolução venezuelana. O velho aparelho de Estado, criado e aperfeiçoado durante 200 anos para servir aos interesses da classe dominante, ainda que debilitado pela revolução, segue basicamente intacto. Esse é precisamente o problema: um Estado capitalista não pode ser uti-

lizado para levar a cabo uma revolução socialista.

O presidente Chávez interveio em um programa de TV para deixar clara sua posição. Foi uma bofetada na cara do governador e sobretudo no Ministro do Trabalho, José Rivero. Ele foi deixado de lado, o governo se alinhou com os trabalhadores e a empresa aceitou marcar uma nova reunião para 08 de Abril.

Neste dia, o vice-presidente Carrizales pediu à companhia, pela última vez, que fizesse uma contra-proposta ao sindicato sobre os salários e quando a empresa se negou, ele saiu, chamou o presidente Chávez e regressou para anunciar a reestatização da Sidor. Milhares de trabalha-

dores, de imediato, começaram a celebrar a vitória.

Esta é uma clara indicação da direção que deve tomar a revolução venezuelana. Não se trata de uma pequena empresa em bancarrota tomada pelo Estado e sim do único fornecedor de aço do país e o quarto da América Latina. Os trabalhadores da Sidor já estão tomando medidas para colocar em prática o controle operário a fim de evitar que a companhia incorra em sabotagens.

Essa nacionalização é o resultado da pressão dos trabalhadores em luta, que também foram encorajados pelo recente anúncio de Chávez de nacionalizar a produção de cimento do país, além de uma planta de laticínios. Essa é uma força de

trabalho despertada e mobilizada que exigirá o controle operário. Agora é o momento de dar passos decisivos à frente na nacionalização dos setores fundamentais da economia sob controle democrático dos trabalhadores e, por fim, completar a revolução!

Campanha Tirem as Mãos da Venezuela

A Conferência Nacional da Campanha Tirem as Mãos da Venezuela está convocada para o dia 31 de Maio em São Paulo e conta com o apoio de diferentes movimentos sociais, parlamentares, sindicalistas e forças políticas. Acompanhe as informações no blog www.tiremasmaosdavenezuela.blogspot.com e participe!

CONGRESSO DOS MINEIROS BOLIVIANOS

Segue luta pela nacionalização na Bolívia

O 30º Congresso da FSTMB (Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia) se reuniu no fim de Março para discutir a atual situação na Bolívia, os próximos passos na luta e eleger sua nova direção. Estiveram presentes mais de 51 sindicatos e cerca de 500 delegados representando mais de 25 mil trabalhadores mineiros de toda Bolívia.

Antes do início do congresso houve uma importante marcha que reuniu mais de mil trabalhadores. A mesa de abertura contou com a presença do dirigente da Federação Roberto Chávez, do coordenador geral da COB (Central Obrera Boliviana), Pedro Montes e representantes do sindicato anfitrião de Inti-Raime, além da presença do convidado internacional representando o Movimento das Fábricas Ocupadas do Brasil.

Durante o congresso debateram claramente 3 posições em disputa: a dos trabalhadores que defendiam a nacionalização completa das minas, um setor bastante pequeno que defendiam a autogestão das minas através de uma empresa estatal e de outro lado a dos trabalhadores ligados às transnacionais que defendiam os interesses dos setores privados das minas.

Para Jaime Solares, dele-

gado sindical pela Mina Nacionalizada de Huanuni, ex dirigente da Federação, o congresso tem como centro o debate entre aqueles que defendem a luta de classes e aqueles que se rendem à força do capital: “A luta de classes é a guerra entre ricos e pobres e as forças do sindicalismo revolucionário farão frente ao reformismo de Evo Morales e combaterão a burguesia. (...) Temos que aprofundar a revolução de outubro

com a verdadeira nacionalização do gás e do petróleo, com a nacionalização das minas médias e de todas as empresas privadas.”

O setor majoritário na base, que defende a nacionalização, estava representado pelos mineiros de Huanuni, Vinto e Caracoles além de dezenas de trabalhadores aposentados e delegados em muitas outras minas menores. Defendem a nacionalização das Minas para que o estado se beneficie dos grandes recursos econômicos minerais que hoje estão em mãos privadas – que pagam baixos impostos. Estudos mostram que nos últimos 10 anos o setor privado se beneficiou de mais de 4 bilhões de dólares, deixando para trás minas destruídas, a miséria para o povo e apenas 90 milhões de impostos. Isto significa que para cada 100 dólares 98 ficam em mãos privadas.

É contra isto que os mineiros se mobilizaram em 2003 e 2005, por isso exigem o cumprimento da agenda de Outubro (referindo-se a 2005).

O setor privado mobilizou seus trabalhadores para defender seus interesses, a partir da defesa das concessões privadas e contratos de riscos compartilhados com o Estado como forma de defender as empresas privadas, seus principais representantes são de Porco, Bolívar e Inti-Raime.

“De nenhuma maneira permitiremos a ingerência do governo e muito menos da direita que pretende dividir o país!”, alertou Roberto Chávez, o dirigente máximo da Federação na abertura do Congresso. A discussão sobre as tentativas da oligarquia seguindo a política do imperialismo de dividir para reinar se enfrentará com a clara oposição dos mineiros.



Congresso da Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros de Bolívia

ARGENTINA

Repressão contra fábrica ocupada

Querem destruir a ponta de lança das fábricas recuperadas na Argentina!

A fábrica recuperada IMPA de Buenos Aires acaba de sofrer um duro golpe. A justiça ordenou a falência da empresa e a desocupação da cooperativa. A polícia, após resistência à primeira tentativa de fechamento da fábrica em 8/4, retornou e efetivou a ordem de despejo em 15 de Abril, por volta das 22h, quando arrombou as portas da fábrica e colocou para fora 20 trabalhadores do turno da noite. Agora é a polícia quem está no interior da fábrica. Na manhã seguinte, 300 companheiros – entre trabalhadores em vigília e apoiadores – manifestaram seu repúdio na porta da fábrica, reafirmando: “A IMPA é dos trabalhadores!” e foram violentamente atacados pela Polícia Federal com jatos de água, balas de borracha e gás lacrimogêneo. Dezesesseis trabalhadores foram presos e vários sofreram agressões físicas. Estes fatos motivaram a solidariedade de inúmeros movimentos e em particular da CTA (Central dos Trabalhadores da Argentina – fundada em 1992) e da CGT (Central Geral dos Traba-

lhadores – central sindical mais antiga) e no dia seguinte um novo ato foi realizado. Do Brasil, uma carta de apoio do Movimento de Fabricas Ocupadas foi lida durante o ato. Oitenta pais e mães de família estão agora desempregados e indignados, pois desde 1998 tentam recuperar a empresa sem nenhuma ajuda do governo e já pagaram 90% da dívida assumida. O juiz decidiu pelo despejo sem nenhuma negociação prévia e desconhecendo por completo os acordos já obtidos diretamente com os credores. A decisão tomada pela justiça mostra que estão em movimento interesses empresariais sobre a IMPA, que como o próprio governo reconhece em seu site, “é em faturamento, a segunda empresa de alumínio do país”, mas que enquanto estiver administrada pelos trabalhadores, é uma pedra no sapato. Como disse Eduardo Murua, que trabalha na IMPA e é presidente do MNER (Movimento Nacional de Empresas Recuperadas), “a IMPA não é só um símbolo da recuperação de empresas, mas também uma forma de

luta e é por isso que o governo, há vários anos, segue atacando-a”. De fato, os trabalhadores da IMPA foram os que mais auxiliaram na ocupação de outras fábricas contra seu fechamento e em confronto com o governo. Em 2004, a IMPA marchou até o governo argentino para solicitar subsídios públicos à cooperativa, com apoio de outras cooperativas do MNER. A carta da IMPA ao presidente Kirchner questiona que “no caso do alumínio, o Estado Nacional tem subsidiado o monopólio Aluar desde que nasceu, há exatamente 30 anos. Aluar recebeu 5.8 bilhões de dólares em subsídios do Estado Nacional e dos estados Patagônios sob distintos tipos de tarifas subsidiadas (...). ALUAR destruiu 60 pequenas e médias empresas de alumínio entre as quais se encontra IMPA, uma das poucas vítimas que ainda resiste”. É isso o que fazem os governos burgueses, cujos compromissos são com os monopólios capitalistas e não com os trabalhadores e por isso se recusam a assumir sua responsabilidade nacionalizando a IMPA. Não por

acaso é o mesmo tratamento do governo brasileiro para com as fábricas ocupadas e que lutaram e lutam para que o Estado cumpra sua obrigação com os empregos, assumindo estas empresas. Não por acaso a luta

operária é a mesma aqui e lá, e por isso no Brasil organizaremos uma delegação ao Consulado da Argentina, em São Paulo, para exigir o fim da repressão e a devolução da fábrica aos seus trabalhadores.

Breve história da IMPA

A IMPA (Indústrias Metalúrgicas e Plásticas Argentinas) é a segunda mais importante empresa argentina na produção de artefatos de alumínio, como também umas das mais importantes lideranças do Movimento Nacional de Fábricas Recuperadas. Esta empresa nasceu privada em 1910, foi nacionalizada em 1945 e transformada em cooperativa privada em 1961, o que gerou uma divisão entre os trabalhadores na época, já que uma parte importante se recusava a passar de funcionário estatal para cooperado. Em 1997, endividada, entrou em processo de falência e a produção foi paralisada. Em 1998, um grupo de cooperados ocupa a fábrica contra a gestão da época responsabilizada pela quebra e posteriormente elege em assembléia uma nova direção para a cooperativa, disposta

a recuperar a empresa e os postos de trabalho. Recuperar uma empresa com uma dívida de 8 milhões de dólares parecia algo impossível naquele momento. Apesar disso, a nova gestão e os demais trabalhadores conseguiram reativar a produção e negociaram o pagamento da dívida com os credores, e ao longo dos últimos 10 anos conseguiram manter seus postos de trabalho que em 2001 chegaram a 180. Com a crise argentina de 2001 a situação se tornou mais difícil e a cooperativa passou a funcionar com uma média de 80 cooperados. Apesar da dificuldade de obter crédito e capitais para girar a produção, conseguiram pagar 90% da dívida da empresa e superaram a pior fase. Na fábrica funcionava até alguns anos atrás, um centro cultural, um centro de saúde e um centro educativo.

MOVIMENTO OPERÁRIO

O mal estar da classe trabalhadora na Argentina

JOSIANE VERAGO

direto da Argentina

O governo de Cristina Kirchner trabalha por reeditar o pacto social com a CGT e a patronal, única forma de tentar estabilizar o débil capitalismo argentino, mesma estratégia usada por Nestor Kirchner. Faz parte do pacto fixar anualmente um teto de reajuste salarial nacional, antes do início das campanhas salariais. Seu efeito é o de frear as lutas que vinham crescendo desde 2004. Em 2006 o pacto foi por 19% de reajuste e houve apenas um pequeno número de conflitos salariais. Já em 2007, o valor pactuado foi de 16,5% e

muitas categorias insatisfeitas - apesar da oposição expressa da burocracia sindical - reivindicaram reajustes maiores e o número de mobilizações e conflitos aumentou em categorias como metroviários, telefônicos, correios, banco nacional, ferroviários, petroleiros, servidores do judiciário, petroquímicos, pescueiros e as extraordinárias lutas de professores de Santa Cruz, Neuquên* e Salta. Para este ano, em que pese o papel da CGT na reedição do “pacto de paz social” a CTA pretende realizar uma marcha para unificar as campanhas salariais. Um sentimento de mal estar ronda os trabalhadores, pois que, apesar

do recorrente crescimento econômico e da melhora em suas condições relativas a 2001, elas seguem deterioradas com o aumento da inflação e dos preços da cesta básica enquanto os reajustes salariais dos últimos anos foram menores que a inflação. Os salários sofrem a corrosão de seu poder de compra e cada vez são mais precárias as condições de trabalho. Os trabalhadores muitas vezes tendo que lutar contra patrões e burocracia sindical ao mesmo tempo, e tendo que enfrentar a demissão punitiva após cada luta assumida. O que o Governo mais teme é a explosão das massas operárias. Gastando

muito com as dívidas interna e externa, para encher as arcas vazias do Estado, mantém uma política de taxar exportações agropecuárias para subsidiar setores industriais com problemas e investir em obras e serviços públicos. Recentemente, após aumentar a taxa para 44%, enfrentou uma greve-sabotagem no campo de ruralistas de grande, médio e pequeno porte, que fechavam as estradas de todo o país impedindo que caminhões com alimentos e bebidas chegassem às cidades onde teve lugar a escassez e o aumento dos preços. A insegurança e insatisfação com este governo por parte das mas-

sas trabalhadoras se manifestou neste momento onde, desorientadas por suas organizações, chegaram a simpatizar com a greve do campo em seu início. A instabilidade é grande e cresce a predisposição para a luta. Daí a importância da unidade do movimento operário e da construção do grupo El Militante, embrião do partido revolucionário, que inclusive foi uma das poucas organizações que se colocou corretamente contra a greve de sabotagem no campo desde o início.

(*) Em Neuquén, um dos líderes professores da greve, Carlos Fuentealba foi fuzilado pela polícia durante uma das manifestações e morreu. Em resposta, a CTA fez um chamado de greve geral por 24h e a CGT por 4h.

O homem dos satélites e do elevador espacial

Nossa homenagem ao escritor e inventor britânico Arthur C. Clarke (1917-2008)

Clarke escreveu mais de 80 livros e centenas de contos e artigos durante sua vida. O escritor mencionou nos anos 40 que o homem chegaria à Lua por volta do ano 2000, algo que especialistas afirmaram ser um absurdo na época.

LUIZ BICALHO

Ele era a prova viva de que uma idéia genial nunca poderia ser patenteada. Quando escreveu sobre satélites de comunicação, ele tentou patentear a idéia e nunca conseguiu (por volta dos anos 50, antes de qualquer satélite artificial ter sido lançado). Agora, quando os satélites constituem



Clarke em sua casa no Sri Lanka (2005)

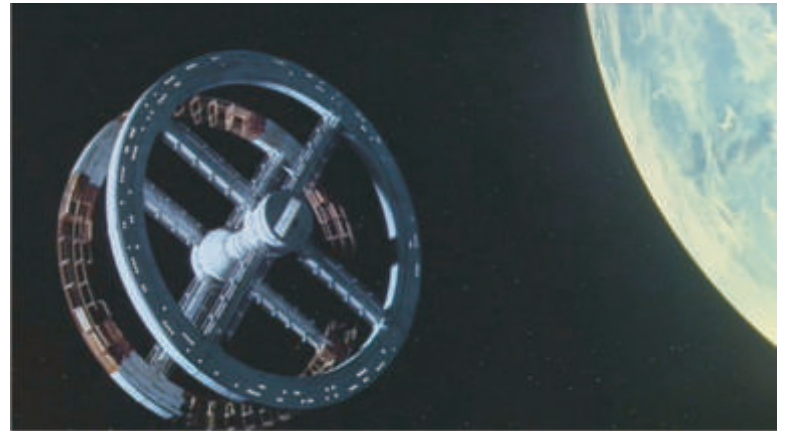
redes de comunicação eficientes no mundo inteiro, companhias ganham bilhões com isso e o homem que propôs essa idéia nunca ganhou um centavo.

Arthur C. Clarke foi mais que o homem que um dia sonhou com satélites. Seus sonhos eram de que a humanidade poderia se desenvolver e ir muito além do que ela hoje vai. Uma de suas idéias que causou polêmica entre especialistas que ficaram em dúvida entre “genial” e “besteira terrível”, era a de construir um elevador espacial (ligar um anel de satélites à Terra por cabos pelos quais desceriam e subiriam cargas e pessoas como em bondes). Hoje começou a ser analisada em sentido comercial.

Clarke morreu, mas não

morreram suas idéias geniais, não morreu o seu sentimento de que o homem tem um destino espacial, cósmico, que deverá sair da Terra em busca de conquistar o universo. Hoje quando o capitalismo em crise só consegue mostrar um desfile de misérias e desastres, quando a própria fome retorna em ondas absurdas pelo mundo inteiro, a ironia vibrante de Clarke, de seus inúmeros contos e romances é um bálsamo que nos faz refletir sobre o futuro.

Como em um dos contos onde a população de uma cidade pequena vivia aterrorizada com a chegada de uma usina nuclear (ou estação de pesquisas atômicas) montada ao lado da cidade. E um dia para os frequentadores de um bar, o temor se confirma: um caminhão que vem dos lados da usina tomba, o chofer do caminhão sai desesperado correndo e atrás dele uma nuvem negra se



Cena do filme “2001: Uma Odisséia no Espaço”, obra mais famosa de Clarke

levanta. Os frequentadores do bar correm para comprovar o desastre atômico e dali a pouco correm de volta, desesperados, com as abelhas que fugiram das caixas que o caminhão carregava e em fúria picavam qualquer um que chegasse perto.

Clarke formulou certa vez as “leis” que, segundo ele, explicam o funcionamento da ciência:

“Quando um cientista distinto (renomado) e experiente (de mais idade) diz que algo é possível, ele está quase certa-

mente certo. Quando ele diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado. (...) O único caminho para desvendar os limites do possível é aventurar-se além dele, através do impossível. (...) Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da mágica.”

As idéias de Arthur Clarke ainda picam nossa imaginação e incomodam a todos aqueles que pensam que o futuro só reflete o passado. O homem morreu, eles sobrevivem!

A máquina do fim do mundo

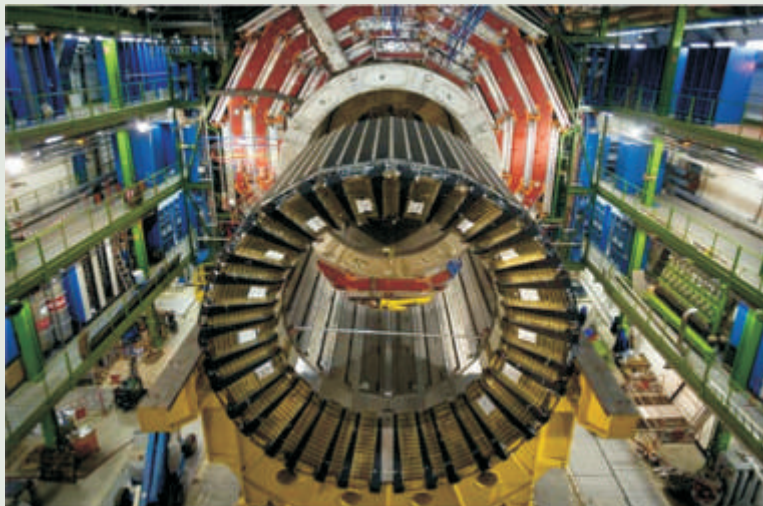
Arthur Clarke disse em uma ocasião que, para o leigo, a ciência moderna é indistinguível da feitiçaria. Em certo sentido, é. A diferença, explicava Clarke, é que a ciência cumpre o que promete. Ou, pelo menos, chega muito perto. E agora que os físicos construíram a maior máquina de pesquisa do mundo – no laboratório CERN (Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire, ou Organização Européia para Pesquisa Nuclear), na fronteira entre a França e a Suíça, dois “pesquisadores” quiseram impedir o seu funcionamento alegando que ela pode destruir o mundo.

O que faz a citada máquina? Ela é um anel, construído no subsolo, que acelera partículas sub-atômicas (nêutrons, elétrons, prótons e outras) num ambiente de vácuo e promove colisões des-

tas partículas entre si e com placas de metal ou de outro receptor. Para que? Para estudar a existência de partículas menores, estudar suas interações e a produção da energia.

Dois cidadãos, o americano Walter Wagner e o espanhol Luis Sancho, entraram com uma ação na Justiça americana contra os cientistas do CERN. A alegação é que, ao funcionar, o aparelho pode criar buracos negros, versões

em miniatura dos colossais redemoinhos que se formam no espaço após o colapso de estrelas e que sugam toda a matéria à sua volta. Segundo Wagner e Sancho, os milhares de pequenos buracos negros que se formariam poderiam se juntar em um só. O buraco negro resultante dessa fusão começaria a sugar a matéria a sua volta e a crescer, iniciando um processo em cadeia que acabaria por engolir a Terra.



Instalações do CERN no subsolo na divisa da França com a Suíça

Em primeiro lugar, estes dois senhores já tentaram esta mesma ação anteriormente contra um acelerador linear (em linha reta) construído nos EUA. Perderam, a máquina está funcionando e, ao que consta, ainda não destruiu o mundo.

Teriam estes senhores alguma razão? A realidade é que o que a máquina faz já é feito na natureza – através dos raios cósmicos, partículas de alto valor energético que atingem continuamente a Terra. Apenas não na frequência e nas condições controladas que o laboratório permitirá. Por outro lado, os “buracos negros” que serão criados serão em tamanho mínimo e durarão frações de segundo, ou seja, não serão estruturas estáveis e servirão apenas para estudo.

Sim, de determinada forma a ciência hoje, como não está disponível para a compre-

ensão da maioria, assemelha-se a uma feitiçaria. Agora, querer parar a ciência com tribunais, já se tentou na época de Galileu e não deu certo. No Brasil se tenta agora impedir as experiências com células tronco. Hoje a tentativa desses dois senhores parece apenas ridícula. Mas, quando a ciência se tornou um empreendimento social, quando para se fazer ciência se exigem máquinas extremamente caras, o preconceito ideológico pode impedir o próprio desenvolvimento da ciência.

Voltaremos a este assunto no próximo número quando analisaremos a teoria do big-bang e o fato de que mais de 90% das verbas para pesquisa astronômica no mundo estarem relacionadas com esta teoria e ser praticamente impedido o estudo de outras teorias.